

A MODA COMO EXPRESSÃO CULTURAL E PESSOAL

Renata Pitombo Cidreira*

RESUMO

O presente artigo pretende explorar a idéia de que moda além de dar conta de uma certa estruturação simbólica própria de uma determinada cultura; configura-se como fonte e aposta fundamental na dinâmica da socialização e da constituição identitária. Podemos dizer que a aparência corporal aparece não apenas como um subproduto da vida social, o efeito combinado de diversos determinismos estruturais e culturais, mas sim como aventura de inscrição e constituição pessoal. Enquanto instância imaginária e mítica, a moda revela as relações entre o indivíduo e o mundo, o indivíduo e os outros e o indivíduo e a sociedade.

*Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia, Brasil (2003)
Professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
pitomboc@yahoo.com.br

FASHION AS A CULTURAL AND PERSONAL EXPRESSION

Renata Pitombo Cidreira*

ABSTRACT

This article will explore the idea that fashion, besides realizing some symbolic structuring in a particular culture, configures itself as a fundamental source and bet on the dynamics of socialization and identity construction. We can say that body image appears not only as a byproduct of social life – the combined effect of various structural and cultural determinism – but also as inscription adventure and personal constitution. While imaginary and mythical instance, fashion shows the relations between the individual and the world, individual and the others, and the individual and society.

*Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia, Brasil (2003)
Professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
pitomboc@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Quando nos deparamos com os termos cultura e identidade, um questionamento se impõe: por que estes são temas que passaram a freqüentar a pauta da mídia, as conversas cotidianas e exaustivamente as discussões acadêmicas? Inicialmente podemos arriscar que parece haver aí uma necessidade de afirmação e reiteração de ambos, provocando uma certa banalização, generalização e até mesmo espetacularização desses termos, o que pode gerar um esvaziamento da potencialidade significativa ou uma ressignificação dos mesmos.

Outro aspecto importante de assinalar é que há uma dificuldade em lidar com esses dois temas, pois são temas “guarda-chuva” que cabem a várias coisas, ou ainda, são palavras que têm o dom de se referir a diversos aspectos da nossa vida. Falamos de cultura nacional, cultura de moda, cultura baiana, cultura visual etc. Do mesmo modo, falamos de identidade nacional, identidade baiana, identidade visual etc. Ou seja, a cultura e a identidade, evidentemente, estão sendo utilizadas em diversas acepções e é muito arriscado quando nós fazemos observações gerais sobre a cultura e a identidade, sem levar em conta o trânsito que esses termos têm na nossa vida. Então a primeira coisa a fazer é saber de que estamos falando quando falamos de cultura e de identidade. Ora, sabemos que essa não é uma tarefa fácil. Mas vamos a ela.

Sabemos que os gregos¹ faziam a seguinte separação: estado da natureza e estado da cultura, sendo que este último englobaria tudo aquilo que é cristalizado por convenção ou por lei, que se associaria à idéia que temos de civilização. A cultura, portanto, seria tudo aquilo que diz respeito ao humano e à idéia de cultivo

¹ De acordo com as observações de Ferrater Mora (2000), desde os sofistas havia esta distinção entre “estado de natureza” (natureza) e “estado de cultura” (civilização), que será posteriormente retomada por Platão e Aristóteles. Para um maior desenvolvimento da questão ver em: MORA, Ferrater J. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I (A-D). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

como aquisição. Percebemos que nesta acepção falta dar conta da dimensão subjetiva da cultura, o que, em alguma medida, será recuperado por uma certa tradição da filosofia alemã que cunhou o que se reconhece como ciências da cultura que é também chamada de ciências do espírito, cujos representantes mais significativos seriam autores como Dilthey e Simmel. O esforço aqui é de reconhecer essa estrutura paradoxal da cultura que tenta objetivar uma subjetividade. Também no âmbito da antropologia social a mesma dualidade aparece: De acordo com as observações de Laraia (1999) no final do século XVIII, o termo germânico *Kultur* simbolizava todos os aspectos espirituais de uma comunidade e *civilization* (origem francesa) referia-se às realizações materiais de um povo².

Percebemos, assim, que a cultura remete necessariamente a duas dimensões que parecem se contrapor: o âmbito da subjetividade e o âmbito da objetividade. Há uma hesitação em reconhecer se a cultura é subjetiva, ou seja, se é uma capacidade do espírito de se relacionar com o espírito, no sentido da produção intelectual e artística, por exemplo, filosófica, científica. Ou se ela tem uma capacidade de objetivar-se, através de instituições, relações e representações que se impõem de uma maneira muito forte. De fato, há uma oscilação entre essas duas atitudes: uma atitude psicológica e uma atitude mais social em relação à cultura. É certo que vivenciamos pessoalmente a cultura, mas também somos submetidos a ela e obedecemos a estruturas que nos antecedem, que servem de cimento à cultura. De qualquer maneira, parece-nos que temos que reconhecer esta sua ambigüidade e lidar com ela.

No que diz respeito à identidade, também vamos reconhecer uma dinâmica aparentemente paradoxal: a princípio reconhecemos que a identidade diz respeito ao

² É atribuído a Edward Tylor (1832-1917) a síntese entre os termos germânico *kultur* e francês *civilization*. Ele convencionou cultura como sendo: “[...] em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 1999, p. 25).

que é idêntico³, fala-se de identidade como a conformação de cada coisa consigo mesma, o que implicaria, necessariamente, numa perspectiva substancialista do ser; o reconhecimento de uma essencialidade que se sustenta, sobretudo, nas capacidades cognitivas, no cogito (pensamento, reflexão). Já a noção de identidade, a partir das considerações sociológicas (numa abordagem compreensiva ou através do interacionismo simbólico) reivindicará a conformação da identidade na dinâmica de interação entre o indivíduo e a sociedade. Como observa Stuart Hall (2005), esta noção reconhece um núcleo, mas também reconhece que este é formado na relação com outras pessoas e com a cultura.

No que diz respeito à cultura, acreditamos que existem dois aspectos ou dois sentidos que precisam dialogar. O conceito de cultura enquanto representação e o conceito de cultura enquanto abertura. É esse jogo que caracteriza a vida humana. Quando nos dispomos a uma atitude espontânea, quando estamos no regime da nossa espontaneidade, nossa conduta é identitária. Nos identificamos enquanto baianos, por exemplo, leitores de Simmel e admiradores de Issey Miyake etc. Cada um desses aspectos revela traços da nossa identidade. Mas quando nos debruçamos sobre programas culturais com um empenho criativo, com uma disposição criativa, não podemos mais nos prender apenas a essas designações que nos representam. Quando nos dispomos à atividade criativa, estamos nos lançando para novas descobertas, buscamos algo novo, que atua sobre nós e nos transforma. É um movimento de abertura de si ao mundo circundante.

³ Segundo Ferrater Mora (2000), encontramos na história da filosofia duas formas de compreensão da identidade: o ponto de vista ontológico e o ponto de vista matemático ou lógico. O primeiro está associado ao chamado princípio ontológico de identidade ($A=A$), segundo o qual toda coisa é igual a si mesma. O segundo (o ponto de vista matemático ou lógico), manifesta-se no chamado princípio lógico da identidade, em que 'a pertence a todo a', o que consiste em afirmar que o objeto ou o ser é idêntico a si mesmo.

Cultura como abertura e identidade como identificação

Autores como Georg Simmel, que será atualizado em alguns aspectos por Michel Maffesoli, bem como Clifford Geertz e Stuart Hall nos ajudam a compreender melhor as idéias de cultura como abertura e de identidade como identificação.

Em *A interpretação das culturas* (1989) Geertz defende a idéia de cultura como conjunto de mecanismos simbólicos que auxiliam na ordenação do comportamento humano. Tal aceção evidencia a natureza vinculante que a cultura estabelece entre o que os homens podem vir a ser e o que eles são realmente. Desse modo, podemos constatar que o equilíbrio entre unidade e diversidade pode estar no reconhecimento de padrões culturais como elementos definidores de uma existência humana. Como observa Geertz “tornar-se humano é tornar-se individual sob a direção de padrões culturais” (p. 37).

Vislumbramos aqui a relação ambígua e escorregadia entre cultura e identidade, e mais: o reconhecimento de que a cultura é um conjunto de significações que são comunicadas pelos e entre os indivíduos de um dado grupo através de processos interativos. Essa abordagem, reconhecida como interacionista, acentua a importância da produção e circulação de sentidos que as interações entre indivíduos produzem, observando de forma bastante atenta para o contexto no qual se desenvolvem esses processos interativos. “A pluralidade dos contextos de interação explica a dimensão plural e instável de todas as culturas e também os comportamentos aparentemente contraditórios de um mesmo indivíduo” (CUCHE, 2002, p. 107).

Outro autor não muito contemporâneo, mas bastante atual em suas reflexões, como Georg Simmel⁴, também nos traz contribuições significativas sobre as noções

⁴ Georg Simmel (1858-1918), de formação filosófica mas também histórica, psicológica e artística, escreveu o correspondente a mais ou menos 20 livros e 200 artigos (publicados em

de cultura e identificação. Em seu ensaio "O conceito e a tragédia da cultura" (2005), Simmel enfatiza a relação da cultura com a vida: cultura é esse movimento de uma alma subjetiva em direção a um produto objetivo, sendo que nenhum deles a contém por si. Por um lado existe a vibração, o entusiasmo incansável da alma criativa, por outro, o conteúdo paralisado, imóvel, isolando em si toda a alma criadora em um produto, limitando, ou melhor, circunscrevendo, a vida interior.

Contraposto a vida vibrante e infatigável da alma criadora, que se desenvolve sem limites, está seu produto fixo, idealmente irremovível, que retroativamente fixa, de um modo inquietante, aquela vivacidade e a imobiliza; frequentemente é como se a mobilidade criadora da alma morresse em seu próprio produto. (Simmel, 2005, p.83)

Esta é a tragédia da cultura que se constitui nesse e desse movimento que ao fixar, imobilizar tende novamente a mover-se através desse turbilhão da alma, do pensamento, do corpo.

De todo modo, o que nos parece interessante reter é que a cultura é indissociável da aventura humana e que devemos concebê-la como o lugar da experiência. A experiência do ser humano, por sua vez, deve ser compreendida como abertura, possibilidade e transformação, pois esta é a dinâmica própria do homem na sua vitalidade. Logo, o que tentamos esboçar é a idéia de que a cultura não diz respeito apenas aos aspectos identitários ou mesmo aos aspectos da realidade, mas, sobretudo, à dimensão da possibilidade. Assim, é preciso evidenciar a nuance entre cultura e identidade cultural. A cultura, vai argumentar Cuche (2002, p.176), "depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas". De certo modo, podemos compreender que a identidade cultural aparece

jornais e revistas). O seu artigo sobre "O conceito e a tragédia da cultura" data de 1911 e encontramos uma versão traduzida para o português nesta edição de 2005: SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura In SOUZA, Jessé e BERTHOLD, Oelze. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2 ed. 2005.

como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural.

Entre os autores que procuraram refletir sobre a questão da identidade cultural frente à acelerada e gigantesca globalização, Stuart Hall (2005) tem uma contribuição significativa por situar historicamente o processo de construção das identidades nacionais na correlação de forças identitárias que servem, ao mesmo tempo, como identificação e distinção entre culturas. Hall argumenta que em certa medida a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais.

Contextualizando historicamente, na modernidade tardia, observamos que existe um deslocamento mais visível das identidades culturais nacionais para novas identidades híbridas em ascensão. A que se deve esse deslocamento, no fim do século XX? Para Hall, a chamada globalização, ou seja, o complexo de processos e forças de mudança que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado, é a resposta.

O que Hall percebe é que a vida social se torna cada vez mais mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens através de sistemas de comunicação globalmente interligados e esse fato faz com que as identidades se tornem desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem 'flutuar livremente'. "Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de 'supermercado cultural'" (2005, p.75), afirma Hall. Esse novo cenário tem provocado uma tensão entre o local e o global, mas o interessante é que o impacto global tem despertado cada vez mais o interesse pelo local, uma fascinação pela diferença, da alteridade e da etnia. Não podemos,

entretanto, esquecer que essa necessidade exacerbada pela afirmação da diferença, da alteridade e da etnia pode, muitas vezes, se reverter em processos de segregação, facilitando a localização e, portanto, o controle, como observamos através das reflexões de Michel Foucault (1979). O autor argumenta que, na medida em que se transforma uma disposição cultural, uma disposição política numa identidade, ela se torna um alvo fácil, ela se torna identificável. Então, há um grande perigo de que a identidade, na verdade, sirva, antes de tudo, a esse mecanismo da localização, do controle e da segregação.

De fato, sabemos desde a década de 1960, pelo menos, que comunicação e consumo entrelaçados provocam mudanças comportamentais, práticas e afetam a dinâmica das vidas individuais e coletivas e efetivamente são dispositivos constitutivos das identidades culturais. Identidades estas vistas como fluidas, fragmentárias, voláteis etc., o que gera, inclusive, uma discussão da própria concepção de identidade.

Segundo as observações de Michel Maffesoli (1987), ancoradas na obra de Simmel, a noção mesma de identidade é uma concepção, em certa medida, ultrapassada, que não serve mais para definir o sujeito em função da sua homogeneidade. Levando em conta esta perspectiva que determina o indivíduo a partir do outro, Maffesoli abandona a noção de identidade e adota a idéia de uma lógica de identificação para tentar compreender as diversas formas identitárias que o homem encarna na época atual, em função de identificações pontuais, específicas e, conseqüentemente, descartáveis, efêmeras. O que está em jogo é justamente mostrar que a idéia de identidade, embora tenha sido bem sucedida e explorada num determinado período da nossa civilização, não é um valor universal e atemporal.

Em outras civilizações, por exemplo, podemos observar o deslizamento constante entre a necessidade de marcar uma presença particular, singular e o

fascínio em se deixar perder numa coletividade. Mesmo no Ocidente não foram raros os momentos em que a noção de identidade esteve fragilizada, foi questionada e mesmo abandonada, nos mais diversos campos, incluindo a literatura, a sociologia, a filosofia, entre outros. Em todos estes discursos, o denominador comum talvez seja a percepção de que o indivíduo só pode ser definido na multiplicidade de interferências estabelecidas pelo mundo circundante, o homem como efeito de composição, de onde advém seu aspecto compósito, complexo e repleto de potencialidades.

Por outro lado, é preciso lembrar que o processo de identificação é uma das estruturas mais normais, e que preside, em geral, a toda agregação social, é a condição mesma da cultura. Identificação esta que se exerce de forma discreta, expandindo-se e contaminando lentamente as práticas banais do cotidiano que servem de cimento ao corpo social.

Entretanto, o que há talvez de instigante no processo de identificação circunscrito na sociedade contemporânea é o fato de que, hoje, esta identificação se aplica muito mais intensamente à forma, no sentido simmeliano, do que aos objetos e instituições em si mesmos. Um aspecto que talvez sempre esteve presente, mas que se manifestou e se manifesta a cada instante mais explicitamente num momento em que vivemos sob a égide da comunicação exacerbada, multiplicada. O que, segundo Maffesoli (1987), implica em aceitar a idéia de que o que está em jogo no processo de identificação é o estar-junto. É nesse sentido que podemos compreender a tranquilidade com que, sobretudo os adolescentes, abandonam certos objetos-signos ou mesmo trocam seus stars-signos. Se o que importa acima de tudo é estar-junto, partilhar certos gostos, hábitos, comportamentos, estes podem ser atribuídos a um outro objeto ou pop-star que atuará, funcionará, a sua maneira, como vetor de agregação, uma vez que conservará em si a mesma estrutura formal capaz de atrair tais adeptos.

Moda e cultura

A pesquisa que venho desenvolvendo sobre a aparência enquanto vetor expressivo e propiciador de relações identificatórias⁵ me parece uma ilustração bem interessante do que acabamos de argumentar. A indumentária exerce um papel significativo na formação de agrupamentos, formais ou informais, que partilham idéias, gostos, hábitos, comportamentos. Para tanto, foi preciso, inicialmente, tentar perceber o que o “e” estabelecia em comum entre essas duas noções: moda e cultura.

Oriunda do latim *modus* que significa maneira, a moda é denominada como maneira, modo individual de fazer, ou uso passageiro que regula a forma dos objetos materiais, e particularmente, os móveis, as vestimentas, os acessórios, entre outros artefatos. Mais genericamente, maneira de ser, modo de viver e de se vestir. Na língua inglesa haverá uma recuperação da palavra francesa *façon* (modo) e a transformação da mesma em *fashion* para nomear a moda.

Assim, conforme já observamos em *Os sentidos da moda* (2005), os termos *moda* e *modo* se aproximam. Ao recuperarmos os sentidos atribuídos a ambos, tendo como referência o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1986), vamos perceber o quanto um reforça o outro, muitas vezes sendo incorporados como um só. Se, por um lado, a moda é vista como uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultante de determinado gosto, idéia ou capricho, ou das influências do meio; bem como fenômeno social ou cultural, mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter, por algum tempo, determinada posição social;

⁵ A pesquisa mencionada intitula-se **A dimensão simbólica das vestes da Boa Morte**, em andamento desde 2007, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), tendo contado com o apoio do PPQ (UFRB), do MEC/SESu e da FAPESB.

modo significa maneira, feição, forma particular, jeito, sistema, prática, via, habilidade e em alguns casos, processo de aculturação.

Também na língua inglesa a relação entre os termos *mode* e *fashion* é significativa. *Mode* aparece como "manner of doing or being; method; form; fashion; custom; way; style". E *Fashion*, como "shape, manner; the make or form of anything; style, shape, appearance, or mode of structure; pattern; workmanship; execution. Prevailing, mode of style, mode of dress. Polite or genteel life. Social position; mode of action or conduct, manner, way" (*Webster's International Dictionary*, Springfield, 1907).

No *Le Robert Micro Poche* (1998), dictionnaire de la langue française, *mode* é associado também a "1. goûts collectifs, manières passagères de vivre, de sentir qui paraissent de bon ton dans une société déterminée. Les engouements de la mode; vogue (à la mode): conforme au goût du jour; 2. habitudes collectives et passagères en matière d'habillement (suivre la mode). 3. mode de..., forme particulière sous laquelle se présente un fait, s'accomplit une action; forme, mode de vie, d'existence".

O que se constata, em última instância, é que a moda é concebida como modo de vida e é sobretudo esta percepção que possibilita a união entre moda e cultura. A própria compreensão da moda enquanto fenômeno cultural só foi possível a partir do momento em que a própria noção de cultura incorporou a idéia de modo de vida.

Quem muito oportunamente observou essa condicionante foi o autor Malcolm Barnard em *Moda e Comunicação* (1993). Ao desenvolver a idéia de que moda e indumentária são meios de comunicação e fenômenos culturais, vamos encontrar uma reflexão bastante elucidativa sobre a relação entre moda e cultura.

Atualmente, é mais fácil defender o argumento de que Moda e Indumentária são fenômenos culturais no sentido de que a cultura pode ser entendida como um

sistema de significados, como formas pelas quais as experiências, os valores e as crenças de uma sociedade se comunicam através de atividades, artefatos e instituições. Mas nem sempre se pensou cultura a partir desta perspectiva, como observa Barnard. Para tanto, recupera a raiz etimológica da palavra cultura que deriva da palavra latina *colere*, que significa habitar, cultivar, proteger e honrar com adoração. Cultivo e cuidado são as idéias originais associadas à palavra cultura. O autor observa que existe uma conexão entre as palavras vestuário e cultura, pois *dress* refere-se a cuidado, cultivo.

Tendo como referência o trabalho de Raymond Williams (2000), sabe-se que entre os séculos XVI e XIX, cultura é concebida como processo, de possuir formas mais ou menos maduras, “estado ou processo de perfeição humana”. Também nesse período, chama-se de cultura as obras de arte (excelentes, perfeitas). A cultura é “o corpo do trabalho imaginativo e cultural” em que está registrada a experiência humana. Nessa acepção e nesse período, moda e indumentária não seriam consideradas cultura. Não seriam obras intelectuais ou imaginativas como as demais, nem seriam progressivas, uma vez que a mudança cíclica é uma das características da moda.

Entre os séculos XIX e XX, outro conceito de cultura passa a vigorar, de acordo com as reflexões de Williams (2000): cultura como “modo de vida”. Assim, admite-se que cada cultura possui padrões que lhe são específicos e uma cultura não pode julgar as outras segundo seus próprios critérios. A cultura entendida como modo de vida inclui comportamento cotidiano, habitual.

(...) há uma certa convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como ‘modo de vida global’ distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um ‘sistema de significações’ bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como ‘atividades artísticas e intelectuais’, embora estas, devido à ênfase em um sistema de

significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as 'práticas significativas' – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso" (Williams, 2000, p.13).

Nessa acepção, moda e indumentária seriam certamente cultura. A cultura é o sistema significante através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada. A moda e a indumentária são algumas das maneiras pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida. Através da moda e da indumentária, entre outras instâncias, nos constituímos como seres sociais e culturais.

Outra noção bastante fecunda para pensar a moda como uma expressão cultural é o conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2007). Em suas considerações sobre as diferenças culturais que opõem os grupos sociais, o autor dificilmente recorre à noção de cultura, mas recorrentemente aciona o conceito de *habitus* enquanto sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes. A noção de *habitus* retomada por Bourdieu remonta a idéia aristotélica de 'hexis' que significa disposição, estado de ânimo. O autor procura através dessa noção pôr em evidência as capacidades criadoras, ativas, inventivas do *habitus* e do agente, que a palavra hábito não contempla.

Tal acepção nos permite compreender o *habitus* como um conjunto de princípios que geram e organizam práticas e representações. Para o autor, o *habitus* funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores. Ele permite ao grupo perseverar em seu ser. Além disso, o *habitus* é também incorporação da memória coletiva, em seu sentido próprio.

As disposições duráveis que caracterizam o *habitus* são também disposições corporais que constituem a 'hexis corporal'. (...) Estas disposições formam uma relação com o corpo que dá a cada grupo um estilo particular. Mas Bourdieu observa que a hexis corporal é muito mais que um estilo próprio. Ela é uma concepção de mundo social 'incorporada', uma moral incorporada. Cada pessoa, por seus gestos e suas posturas, revela o *habitus* profundo que o habita, sem se dar conta e sem que os outros tenham necessariamente consciência disso (CUCHE, 2002, p.172).

Como percebemos, esse poder gerador chamado *habitus* é uma disposição incorporada, uma dinâmica, inclusive, postural de um agente em ação. Essas disposições corporais, ainda que adquiridas, atuam a nível pré-reflexivo, fazendo com que o sujeito tenha um senso prático do que fazer sem, entretanto, refetir anteriormente sobre isso. Nesse sentido, o *habitus* conforma e orienta a ação pela interiorização ou incorporação dos princípios e valores que são produtos das relações sociais.

Nas suas reflexões, o autor potencializa a capacidade corporal enquanto meio expressivo de uma condição, obviamente pessoal, mas também, social, e, acrescentamos, cultural. Os modos de expressão de grupos, classes e indivíduos se acentuam, simbolicamente, vai afirmar Bourdieu, pelas diferenças de atitude, diferenças na maneira de portar o corpo, de apresentar-se, de comportar-se em que se exprime a relação com o mundo social. A esses itens, desenvolve o autor, acrescentam-se todas as interferências realizadas no aspecto modificável do corpo, em particular, pelo conjunto de marcas relativas à cosmética, como penteado, maquiagem, vestuário que, dependendo dos meios econômicos e culturais investidos aí, são outras tantas marcas sociais que recebem seu sentido e seu valor de sua posição no sistema de sinais distintivos que elas constituem.

Como já muito bem observou Simmel, é precisamente através destas diferenciações que os setores de grupos interessados se mantêm unidos: o modo de andar, a cadência, o ritmo dos gestos são, sem dúvida, essencialmente

determinados pelo vestuário: “homens vestidos de modo semelhante comportam-se de modo relativamente semelhante” (2008, p. 30), revelando, assim, o *habitus* profundo que os habita. Também em excelente ensaio intitulado *Philosophie de la modernité: la femme, la vie, l’individualisme* (1989), Simmel compreendeu a dinâmica de incorporação e a relação dialógica da indumentária ao corpo, entre outros aspectos, através da observação e comparação entre o uso de uma roupa nova e outra antiga. Segundo o autor “a vestimenta nova determina nossa atitude mais do que a antiga, que acaba sendo completamente ajustada aos nossos gestos individuais, cedendo a cada um sem impor obstáculo, e revelando, frequentemente, nossa estrutura nervosa nas mais pequeninas particularidades” (SIMMEL, 1989, p. 174).

Do nosso ponto de vista, encontramos aqui mais uma chave interpretativa para pensar que esse *habitus* encarnado se expressa não apenas pelos gestos e posturas, mas também pela visualidade da composição da aparência, através da vestimenta, acessórios, maquiagem, cabelo etc., ou seja, tudo aquilo que compõe uma aparição do ser. Assim podemos dizer que a aparência corporal presentifica certos pertencimentos e determinadas adesões. Como bem observou Merleau-Ponty (1983), a evidência sensível da pessoa é sua atitude corporal, seu modo de estar no mundo. Daí a força da moda, entendida enquanto modo de ser, pois ela é quem oferece ao ser a sua possibilidade concreta de apresentação, aparição encarnada num corpo.

Nesse sentido, conforme já apresentamos em outro momento⁶, a moda não só dá conta de uma certa estruturação simbólica própria de uma determinada cultura, mas gera cultura. Podemos dizer que a aparência corporal aparece, assim, não apenas como um subproduto da vida social, o efeito combinado de diversos

⁶ Ver artigo de CIDREIRA, Renata Pitombo. “Moda, Cultura e Sentido” In *Fashion Theory*. Volume 3, número 3. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

determinismos estruturais e culturais, mas sim como fonte e aposta fundamental na dinâmica da socialização e da constituição identitária. A moda, sobretudo na sua dimensão vestimentar, pode ser considerada como uma instância imaginária e mítica, já que revela uma relação entre o indivíduo e o mundo, entre o indivíduo e os outros e entre o indivíduo e a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNARD, MALCOLN. **Moda e comunicação**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Zouk, 2007.

CIDREIRA, Renata Pitombo. "Moda, Cultura e Sentido" In **Fashion Theory**. Volume 3, número 3. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Le Robert Micro Poche: Dictionnaire de La Langue Française. Paris: Édition Poche, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo as sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O cinema e a nova psicologia In XAVIER, Ismail (org.) **A**

experiência do cinema. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.

MORA, Ferrater J. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I (A-D). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SIMMEL, Georg. **Philosophie de la modernité: la femme, la vie, l'individualisme**. Tradução de Jean-Louis Vieillard-Baron. Paris: Éditions Payot, 1989.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura In SOUZA, Jessé e BERTHOLD, Oelze. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2 ed. 2005.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lta, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Data de Recebimento: 30/09/2010

Data de Aprovação: 20/12/2010